

Entre *online* e *offline*, alguns apontamentos♦

Marcus André Vieira

Quero abordar os fins do ato analítico a partir da tripartição, tática, estratégia e política.¹

Lembro a vocês que Lacan retoma os três planos propostos por Clausewitz para pensar a guerra e os faz corresponder ao tratamento analítico. O campo de batalha será a sessão, onde Lacan situa a *interpretação*; a sequência das batalhas corresponde à estratégia prevista para a sequência das sessões, abordada a partir da transferência; finalmente o resultado da guerra e suas incidências na vida do país corresponderá ao resultado da análise como um todo, seus objetivos e possibilidades, plano da política, em que Lacan situa o *desejo do analista*.

As finalidades de uma análise, em seu sentido mais geral, se confundem, então, com sua política. Por isso, quero abordar, aqui, os “fins” do ato analítico, como “finalidades”. Afinal, como não falar em política nesse momento?

Tenho vivido esses três planos, como todos nós, com dificuldade e muito trabalho para tentar fazer de outro modo o que fazíamos, sem sabermos o quanto éramos felizes.

A lista de elementos perturbadores no plano da sessão parece infinita, por exemplo, o *delay*, que faz a analisante falar sem mim por um tempo e repetir-se com o sentimento de ter perdido o essencial, ou faz minha tentativa de interpretação chegar cruciais segundos atrasada; o *mute* do telefone apertado acidentalmente, produzindo o sentimento de abandono do outro lado; ou ainda uma paisagem sonora cheia de ruídos, tomados como a lavagem de louça do analista, ou coisa pior.

Somos perturbados por convivermos com descontinuidades impostas onde tínhamos uma continuidade assegurada. Afora raras invasões do exterior, a sessão era espaço estável, a ruptura e o corte ficavam do nosso lado. Agora, aconteceu-me mais de uma vez de a ligação cair e o analisante se pôr a tentar entender porque eu havia cortado a sessão logo ali. Coisas assim quase nunca servem ao trabalho, com exceções - como quando aquela analisante vem a entrar em análise por ter podido tomar para si a escolha de um ponto da casa tão afastado de qualquer risco de ser ouvida, que acaba em uma zona de *wifi* duvidoso, sendo obrigada a ficar sem imagem, justamente o que mais recusava até então.²

Antes podíamos nos dar ao luxo de esquecer o quanto o encontro dos corpos por si só já punha em movimento uma presença que agora precisamos fazer acontecer.³ Nos primeiros tempos do telefone fixo a pergunta era: “*quem fala?*” Depois, com o celular passou a ser “*onde você está?*”, agora é “*está me ouvindo?*” que traduz um “*Há alguém aí?*”.⁴ É quase preciso conquistar primeiro essa presença necessária, do semelhante, agora bem mais difícil de concretizar, para sobre ela poder fazer intervir a presença do analista, essa, necessariamente estranha.

♦ Apresentação no XIV Congresso de membros da Escola Brasileira de Psicanálise, abril, 2021.

Uma versão reduzida deste texto foi publicada em espanhol como: Vieira, M. A. Entre online y offline, alguns señalamientos. Enigmas del cuerpo n.12, abril de 2023.

Quanto ao plano da transferência, tenho contado mais com a voz, pois tem sido difícil para os analisantes, pelas melhores razões, não se servirem do vídeo no sentido contrário ao da estranheza, para se assegurarem, sobretudo, de que estamos vivos e juntos. A voz mais facilmente perturba e prepara a interpretação (mesmo assim, ela precisa ser incorporada, senão, no espaço virtual tende à alucinação).

Pensar a voz e o corpo em seus regimes de presença distinta, me levou àquela demanda de uma analisante incapaz de seguir em seu ofício por uma neuropatia que lhe tirou o movimento das mãos e que decide dedicar-se à mediação jurídica. Toda a ideia era a de que se seu corpo não estaria mais ali. Já que não podia mais meter as mãos na massa, queria um trabalho que fosse só cabeça, virtual. Em vez do atendimento *online* ser um prazer por corresponder exatamente à fantasia, ao contrário, exatamente por isso ele perturba sua equação. Ela entra em um vazio angustiante, com os piores fantasmas de ser enterrada viva. Só sai desse estado quando ao trazer uma lembrança, nunca contada em análises anteriores, pôde associar um significativo neológico à voz que a tirara de uma situação de violência na infância, em que seu corpo ficara sob o de um adulto, preso pelas mãos. Tudo isso, segundo ela, só poderia ter sido desenterrado tanto pela ausência dos corpos quanto pelo traço de firmeza em minha voz.

E a política? Tudo parte da inversão que Lacan produz com relação à liberdade do analista e do general de Clausewitz. Enquanto este último tem mais liberdade à medida que vamos em direção à política, o analista tem menos.⁵

Na sessão improvisamos, interpretamos como e quando der. A liberdade da tática é grande, apenas limitada pela estratégia. Somos livres para intervir, mas pautados pelo lugar em que estamos na transferência, pois o inconsciente se fecha quando não abrimos sua porta por dentro.⁶

No plano da política da psicanálise, a liberdade é menor ainda porque queremos sempre a mesma coisa, digamos, manter vivo na civilização o modo de lidar com o real que Freud inventou.⁷

Nossos conceitos são ferramentas para lidar com esse singular não-lugar do real em uma análise. Do significante fora da cadeia à letra, do gozo feminino ao *sinthoma*, cada um tem sua paisagem própria. Escolho, para nosso momento, a estranheza, no sentido da *extimidade*, por parecer-me vital dar-lhe lugar em nossos dias. Se a definimos como o fato de nosso mais próprio poder ser outra coisa que não o esperado, não seria a estranheza bem mais viva e aberta que a paranoia ambiente?

Nossa política é sempre do *sinthoma*, como perturbação pelo impossível da relação, mas nesses dias, sua declinação como política da estranheza (*extimidade*) parece-me ser vital.

Trata-se da possibilidade das coisas, na distopia em que vivemos, sempre poderem ser Outra coisa. Na luta contra a necropolítica e contramão do identitarismo ao modo neoliberal, é preciso sustentar a todo instante, como em nossa clínica, que um pobre possa ser outra coisa que não pobre, ou um negro, ou uma mulher.

É nesse sentido que retomo a cada dia o gesto de abrir a porta da sala de espera, mesmo que virtual. Sustento, assim, minha lida diária para desenterrar desejos silenciados, contando com que, encontrados seus caminhos de fala, possam nomear o que nos leva adiante - quem sabe para dias melhores.

¹ Agradeço o convite, a organização de nossa discussão em torno dos três eixos, os fins, os princípios e os meios, assim como a escolha das sessões dos Usos do Lapso (e sua leitura pelos colegas). Esse texto dialoga diretamente com o de Pablo Sauce, em *Um-por-Um*, a quem agradeço especialmente.

² Só não vamos simplificar a dizer que era porque os corpos se encontravam e que sem o corpo nada feito. Afinal, uma análise começa quando ele sai de cena. Sabemos que isso se dá para que o “corpo sem órgãos” o corpo que dizemos falante, o corpo que não é o do espelho, esteja ainda mais presente.

³ Nesse sentido, mantenho a frase que disse há tempos: “Ninguém discordará que não é a mesma coisa que haja encontro de corpos ou não. Alguns poucos terão absoluta certeza de que é possível ou impossível a análise, ou o amor, por meio virtual. Será? Faremos os arranjos possíveis e veremos como será” (https://www.ebp.org.br/correio_express/2020/04/18/notas-sobre-o-desejo-e-o-isolamento/)

⁴ É da presença que tratamos no seminário clínico da EBP-Rio, Romildo e eu, distinguindo essa presença necessária, do semelhante, agora bem mais difícil de se concretizar, da presença do analista.⁴ Esta última é necessariamente estranha, indefinível, um “x”, variável a que Lacan associa o desejo do analista. E ela também se distribui seguindo a lógica de J. A. Miller em os *Usos do Lapso*. Há a presença-acontecimento e a presença-duração. Uma relacionada à interpretação, outra à transferência.

⁵ Cf. Leguil, F. « La politique du symptôme », *Mental*, 16, Paris, NLS, 2004, pp. 65-79.

⁶ Uma análise é espaço aberto à intervenção e à improvisação, desde que inclua a arte da posição, pois ou bem intervimos do lugar que nos reserva o analisante ou nada feito. Lacan, J. “O lugar em questão é a entrada da caverna a respeito da qual sabemos que Platão nos guia para a saída, ao passo que imaginamos nela ver entrar o psicanalista. Mas as coisas são menos simples, porque essa é uma entrada a que nunca se chega senão no momento em que ela se fecha (esse lugar jamais será turístico) e porque o único meio dela se entreabrir é chamar do lado de dentro (...) Nisso percebemos que é o fechamento do inconsciente que fornece chave de seu espaço e, nomeadamente, a compreensão da impropriedade que há em fazer dele um interior” (“Posição do Inconsciente”, *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 852).

⁷ A retomada de Sérgio Laia do Curso da orientação lacaniana em *Um-por-Um* foi precisa. O acontecimento está no centro da sessão enquanto que, para a transferência, é a repetição, ou o inconsciente-repetição, como diz Miller.